



HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DO TRABALHO E DOS TRABALHADORES DA AVICULTURA NO OESTE DO PARANÁ

Vagner José Moreira (UNIOESTE, Paraná, Brasil)

RESUMO: A comunicação tem como objetivo dar visibilidade aos resultados parciais da pesquisa sobre os mundos dos trabalhadores vinculados a cadeia produtiva do frango do Oeste do Paraná, no período de 1970 a 2012. Esse processo compreende a produção de aves por pequenos, médios e grandes proprietários de terra, os avicultores, que fornecem a produção para frigoríficos da região para o processo de industrialização. A pesquisa objetiva articular a investigação historiográfica e empírica desse processo histórico, a partir da tradição historiografia marxista da História Social do Trabalho. Assim, a pesquisa perscruta a literatura produzida pela historiografia e pelas ciências sociais e humanas, coteja a imprensa e privilegia a produção de entrevistas com os sujeitos, como o fim de colocar em perspectiva histórica a experiência vivida por estes trabalhadores, privilegiando as trajetórias ocupacionais de pequenos agricultores-avicultores, trabalhadores dos aviários e dos trabalhadores pegadores de frango e batedores de caixa, problematizando a inserção desses trabalhadores no processo de produção e agroindustrialização de aves, a organização do trabalho, relações de trabalho, com dinâmicas, rotinas, ritmos visando sempre à intensificação do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: trabalhadores; relações de trabalho; avicultura.

O artigo expressa a pesquisa em desenvolvimento sobre as relações de trabalho e experiências sociais de trabalhadores vinculados à avicultura no Oeste do Paraná, no período de 1970 a 2013, incluindo trajetórias ocupacionais de pequenos proprietários avicultores integrados a agroindústria de aves, de trabalhadores assalariados dos aviários e os trabalhadores pegadores de frango e batedores de caixa (MOREIRA, 2011).

A produção de aves e ovos vinculados ao processo de integração de avicultores a determinados frigoríficos, para o processamento do frango em mercadorias diversas, constituiu historicamente o processo industrial da produção de frango.

Na pesquisa perscruto a literatura produzida pela historiografia e pelas ciências sociais e humanas, a imprensa paranaense, periódicos que tematizam a avicultura e a produção de entrevistas com os sujeitos da pesquisa, com o objetivo de dimensionar em perspectiva histórica a experiência vivida por estes sujeitos



vinculados à avicultura no Oeste do Paraná, problematizando as relações de trabalho e seus modos de viver e lutar.

Com olhar atento no presente, a severa estiagem nos Estados Unidos gerou uma crise na produção de milho e soja elevando os custos da produção da ração para a engorda das aves, repercutindo na avicultura integrada na região Oeste do Paraná.

Os noticiários do segundo semestre de 2012 informam, contraditoriamente, a retração e a ampliação da atividade econômica. Por exemplo, pululam na imprensa notícias relacionadas a empresas diversas, tais como a BR Foods, que ampliou a produção e adquiriu novas plantas e empresas, dentro e fora do país (AVICULTURA INDUSTRIAL, 2012a). Por outro lado, notícias de falências (ZANUTO, 2012) e redução da produção nos frigoríficos e, conseqüentemente, aumento nos custos da engorda dos frangos para os avicultores:

As cooperativas que trabalham com a produção integrada de frango diminuem o ritmo das atividades no Oeste do Paraná. Por causa da redução, as aves ficam nos alojamentos mais tempo do que o normal em muitas propriedades da região.

Os criadores que trabalham no sistema de integração, com as cooperativas do Oeste do Paraná, ainda passam por um momento de ajuste. Os avicultores que fornecem frango para a Coopavel, a cooperativa de Cascavel, está tendo que ficar com as aves mais tempo no alojamento.

Os frangos, com 43 dias, estão praticamente no ponto de abate. Normalmente, os animais são levados para o frigorífico com 46 dias. Mas o período de engorda passou de 50 para 52 dias. Para o produtor integrado, isso significa mais mão de obra e gasto com energia elétrica.

Os frangos ficam quase uma semana a mais nos galpões porque o frigorífico da cooperativa não está conseguindo no momento colocar no mercado toda a produção. No sistema de integração, fica para o produtor a despesa da energia, água e mão de obra. A cooperativa fornece os pintinhos e a ração.

A retenção dos frangos nas granjas é uma medida de emergência. No médio prazo, o objetivo é reduzir a produção. "A cooperativa está tomando suas providências baixando a produção em torno de 10%. Nós abatíamos 220 mil aves ao dia e agora estamos abatendo 200 mil aves ao dia. Com isso, estamos enfrentando parte da crise gerada pelo aumento no custo do frango", diz Dilvo Grolli, presidente da Coopavel. (AVICULTURA INDUSTRIAL, 2012b).

A perspectiva relacional do processo histórico pauta a problematização do objeto e a construção da interpretação das atuais relações capitalistas da cadeia



produtiva de aves. A pesquisa histórica sobre o trabalho e os trabalhadores envolvidos nessa parte da cadeia produtiva apresenta-se numa oportunidade para refletirmos sobre essa relevante atividade econômica do Oeste do Paraná.

A partir das compilações dos dados auferidos pelo IBGE, o Estado do Paraná mantém-se como segundo Estado brasileiro no valor da produção agropecuária ficando atrás apenas do Estado de São Paulo (TSUNECHIRO; COELHO, 2009). A produção agropecuária na região Oeste do Estado do Paraná é significativamente apresentada no conjunto da produção nacional, destacando-se a produção de leite, de suínos e de galináceos (IBGE, 2008). E na produção de frango o Paraná se destaca como o principal produtor, “tornando-se líder nacional no seguimento avícola”, conforme a jornalista Luana Gomes (2012), *Gazeta do Povo*, que organizou a “Expedição Avícola”:

O presidente do Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Estado do Paraná (Sindiavipar), Domingos Martins, atribui o avanço paranaense a uma série de fatores, como o crescimento do número de avicultores e de abatedouros, quase todos habilitados à exportação, e à disponibilidade de matéria-prima. "O Paraná é privilegiado. Somos os maiores produtores de grãos do país e, tendo soja e milho à vontade como nós temos aqui, é mais fácil **fazer frango**", observa.

Hoje, o Paraná tem mais de 18 mil avicultores integrados a 42 indústrias, entre abatedouros e incubatórios. Essas empresas são as responsáveis pela produção anual de mais de um bilhão de cabeças de frango – quase 4 milhões de aves por dia. As 28 indústrias paranaenses habilitadas para exportação vendem todos os anos mais de 1 bilhão de toneladas de carne de frango para 130 países dos cinco continentes, injetando na economia do estado mais de US\$ 2 bilhões.

Todo o frango produzido no Paraná vem das granjas de matrizes espalhadas pelo estado.

Além de gerar receita, essas indústrias também têm um papel muito importante na distribuição da renda. "Não existe outro setor dentro do agronegócio que empregue tanto quanto a avicultura", sustenta Martins. De acordo com o Sindiavipar, a cadeia avícola paranaense gera atualmente **50 mil postos de trabalho diretos e 500 mil empregos indiretos**. (GOMES, 2012, grifo nosso).

O número significativo de trabalhadores envolvidos na produção de aves no campo e na cidade, por pequenos, médios e grandes proprietários fornecem a produção para, entre outras empresas, as cooperativas agroindustriais e a BR Foods, que se destacam na região Oeste do Paraná.



As projeções do governo para agronegócio no Brasil apresentou-se de modo otimista, em particular o aumento na produção e do consumo da carne, do leite e da soja (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO, 2012), como também é perceptível na série de reportagens da “Expedição Avícola”, do suplemento “Agronegócio”, do periódico *Gazeta do Povo*. Contudo, sem dimensionar a exploração e os impactos sobre os trabalhadores vinculados a essas cadeias produtivas, que a cada dia amplia os índices de adoecimento e mutilação (BOSI, 2011; HECK; THOMAS JÚNIOR, 2012; HECK, 2013).

A produção de frangos pelos avicultores constitui em uma etapa da cadeia produtiva agroindustrial de aves, seja essa produção organizada por cooperativas agroindustriais (Copagril, Cooperativa Agroindustrial Lar, C. Vale, Coopavel, entre outras), ou demais empresas, tais como, a BRF Foods, com aviários integrados a um determinado frigorífico de aves, na região Oeste do Paraná, data do início da década de 1970.

A cadeia produtiva da avicultura de corte apresenta uma trajetória das mais interessantes dentre as cadeias produtivas agroindustriais no Brasil, marcada por constantes evoluções técnicas, um adensamento constante e estreitas colaborações entre seus integrantes que resultaram na conquista do mercado interno, gradativamente suplantando concorrentes na oferta de proteína animal ou no mercado externo, superando os principais fornecedores avícolas mundiais.

Da adaptação da tecnologia de integração de aviários por abatedouros industriais, passando pela importação de pintos avós por via aérea (que foi capa da primeira revista *Manchete Rural* em 1987) para chegar aos aviários totalmente automatizados dos dias de hoje passaram-se cerca de 40 anos. (JESUS JUNIOR, 2007, 193).

A problematização do processo de integração de avicultores, ironicamente adjetivado como “parceria”, às diversas agroindustriais mostra-se num processo perverso, uma vez que os leva ao endividamento dos pequenos proprietários para a instalação dos aviários, a sua manutenção e a pressão para atualização tecnológica (TOEBE ZEN, 2009; SILVA, 2011). Por exemplo, Loreci Dias do Prado Gomes, avicultora há sete anos da Colônia Barretos de Cascavel. A avicultora afirma que se sente desestimulada com a atividade. Loreci trabalha sozinha em um aviário com 13,7 mil aves, pois diante dos prejuízos com a avicultura e das necessidades para a manutenção da família, o marido sentiu-se pressionado a buscar trabalho fora da



pequena propriedade: “No começo falaram que ia dar, mas a gente foi vendo que o lucro não dava nem para pagar a prestação do barracão, água, luz e mercado, ele teve que ajudar trabalhando fora” (HIRATA, 2010, p. 2).

A lógica do processo de integração adotado pelas agroindústrias de aves parece constituir-se em um sistema global, pois dinâmicas semelhantes são adotadas na organização da cadeia produtiva de aves nos Estados Unidos, bem como a sujeição dos avicultores integrados a empresa integradora, como ocorre na região Oeste do Paraná, foram verificadas por Robert Kenner no documentário “Food, Inc”. No documentário investigativo Kenner desvelou o sistema de produção industrial de alimentos, marcado pela adulteração, manipulação e monopólio das cadeias produtivas de alimentos, vinculado a grupos socioeconômicos com forte presença política nos negócios de Estado. Sobre a avicultura Kenner entrevistou avicultores do estado de Kentucky, Estados Unidos, integrados a Tyson, Perdue, entre outros. Todavia, muitos avicultores não aceitaram que suas imagens ou de seus aviários fossem divulgados. Carole Morison, uma das criadoras de aves entrevistadas que permitiu a publicidade de sua entrevista, denunciou as condições contratuais impostas pelas indústrias para a integração, como as exigências para a manutenção, atualização da estrutura e organização dos aviários (KENNER, 2009).

Nesse início de século XXI parece avançar a passos largos o projeto de concentração do capital a partir de “empreendimentos” capitalistas sob a alcunha de “cooperativas” na região Oeste do Paraná (MOREIRA, 2010, 2011). Desnudar esse processo histórico pode possibilitar compreender os diferentes modos de exploração capitalista do trabalho e da concentração do capital. Assim, problematizo as cooperativas agroindustriais como mais uma prática capitalista, nas relações contraditórias entre o campo e a cidade, com suas diversas formas de exploração dos trabalhadores para a produção de mais-valia. No processo de investigação e sistematização dos resultados, quando possível, procurarei realizar comparações com processos históricos vividos em outras regiões, tais como o Sudoeste do Paraná (SILVA, 2011).

Investigar as experiências e modos de vida dos trabalhadores e suas diversas lutas, mediados por esse processo histórico, apresentam-se como possibilidade para inverter a lógica ou pontuá-la a partir de uma totalidade de relações sociais (MOREIRA, 2012).



A prática do cooperativismo, que tradicionalmente se constituiu como prática de organização dos trabalhadores frente à exploração capitalista, foi apropriada por capitalistas de diversos setores e ramos de atividades, com os benefícios e incentivos legais e fiscais do Estado, para a concentração da propriedade privada e do capital no Brasil. Esse processo histórico tem levado a burguesia, como classe, a disputar e hegemonizar os interesses de pequenos proprietários rurais e da produção familiar (HEREDIA; LEITE; PALMEIRA, 2010; MENDONÇA, 2005), configurando como parte da burguesia agrária e industrial no Oeste do Paraná.

Cogito que esse processo histórico está relacionado à formação da classe trabalhadora no campo e na cidade, com seus diversos movimentos sociais, organizações e lutas sindicais e políticas, nas últimas décadas do século XX. Nessa relação dialética, os capitalistas do campo e da cidade experimentaram formas diversas de exploração do trabalho e de concentração do capital. Esse processo forjou novas dinâmicas de organização e exploração capitalista, em que se passou a enfatizar e disseminar práticas relacionadas à “agregação de valor” a atividades agropecuárias para a produção de mercadorias – formando as cadeias produtivas e impulsionando as agroindústrias (MOREIRA, 2010, 2011).

O deslocamento de trabalhadores do campo para a cidade, ou do trabalho rural para o trabalho industrial e urbano, não mudou apenas o ambiente social, mas foram deslocadas rotinas, ritmos, valores relacionados ao trabalho. Problematizar e investigar esse processo histórico e social é premente para compreendermos a constituição da cidade e do campo na passagem do século passado para o presente e as relações sociais vividas pelos sujeitos da pesquisa.

A avicultura contemporânea constitui-se numa atividade produtiva imbricada nas relações capitalistas de produção. Essa assertiva propalada sem constrangimentos pela literatura do desenvolvimento regional e pelos agentes do agronegócio a apresento como um problema de investigação e leva-me a problematização das relações sociais no campo e os custos da expansão e intensificação das relações capitalistas sobre o ambiente rural e suas relações com a cidade: como compreender os modos de vida e de trabalho dos sujeitos que habitam o campo na região Oeste do Paraná, que foram impactados pelos limites e pressões das atividades capitalistas no campo? Como a concentração capitalista, seja em forma de cooperativas agroindustriais ou não, tem pressionado os modos de



viver e os modos de trabalhar no campo? As culturas vividas e praticadas em ambientes rurais passaram por processos de mudanças à medida que as atividades produtivas e o trabalho no campo foram reorganizados?

Parte significativa da produção sobre a temática, mesmo que a partir de um viés crítico, tem insistido em tratar esses sujeitos bem como seus modos de viver como “camponeses” (BEN, 2011; DALA COSTO, 1997; FAVARIM, 2010; FERNANDES; MEDEIROS; PAULILO, 2009; MOTTA; ZARTH, 2009; MARTINS, 1990, 1995; SANTOS, 1978; SEPULCRI, 2005; STORTI, 2010; SORJ; POMPERMAYER; CORADINI, 2008; WELCH et al., 2009; entre outros) no Brasil do final do século XX e início do século XXI, como afirma Irma Storti (2010, p. 10):

A avicultura é uma atividade econômica, realizada em pequenas propriedades destes municípios e está basicamente voltada para o comércio da produção. Mas, os avicultores também desenvolvem, na sua pequena propriedade, um conjunto de atividades não-mercadoológicas, o que indica a reprodução de relações não-capitalistas para se expandir, semelhante à “produção capitalista de relações não-capitalistas”, como destacado por Martins (2004) ao estudar o “cativeiro da terra”.

A investigação visa problematizar essas formulações e propor outra abordagem e historiar o processo realmente vivenciado pelos sujeitos, os contextos reais, o mundo vivido pelos avicultores e trabalhadores da cadeia avícola. Parte significativa da literatura que trata do trabalho de avicultores na região Oeste do Paraná parece limitar o olhar para a realidade pressionado por imagens nostálgicas de um viver no campo, em que as relações sociais e modos de vida “camponeses” permanecem inalterados entre os avicultores a despeito da expansão e intensificação das relações capitalistas de produção no campo (HOBSBAWM; RUDÉ, 1982; THOMPSON, 1988; WOLF, 1970; WILLIAMS, 1990), por meio da agroindustrialização de aves e do agronegócio.

O “pequeno proprietário”, compreendido pela literatura do desenvolvimento regional e do agronegócio como “produtor”, ao integrar-se como avicultor em uma determinada agroindústria de aves, muitas vezes não limita sua atividade produtiva ao aviário e se dedica à produção de outras mercadorias agropecuárias, tais como, a soja, o milho, o leite, entre outros. Essas outras atividades produtivas estariam desvinculadas da lógica capitalista? É possível afirmar que os modos de vida no



campo vivenciados por trabalhadores rurais e pequenos proprietários se constituem como “modos camponeses” se no Brasil não experimentamos historicamente nenhum “modo de produção feudal”? Como que o tempo do avicultor é organizado no trabalho com a avicultura? Não estaria esse tempo dividido e organizado pela lógica e disciplina capitalista vinculado aos interesses da empresa que fornece os pintainhos e a ração ao avicultor?

Concordo com Raymond Williams (1990) em suas assertivas sobre o processo contínuo de elaboração de imagens sobre o campo e a cidade, vendo-os a partir de relações não dicotômicas, com temperadas críticas sobre os estereótipos e idealizações que abarcam essas realidades. O autor discute a história rural da Inglaterra e do capitalismo agrário inglês e afirma que no século XVIII, com o processo de cercamentos das terras e concentração fundiária, “não havia mais um campesinato, no sentido clássico do termo, e sim uma estrutura cada vez mais regular de arrendatários e trabalhadores assalariados: as relações sociais que podem ser consideradas próprias do capitalismo agrário.” (WILLIAMS, 1990, p. 88). Diante desse processo histórico, a produção agrícola era regulada por meio do mercado, “na qual tudo aquilo que acontecia no mercado, em qualquer lugar, quer na produção industrial, quer na agrícola, terminava afetando tanto a cidade quanto o campo” (WILLIAMS, 1990, p. 140).

Em pesquisas realizadas anteriormente as evidências levaram-me a discutir a utilização do termo camponês como noção adequada para nomear e descrever a complexidade de sujeitos que habitam e trabalham no campo brasileiro, ainda mais no contexto do final do século XX e início do século XXI (MOREIRA, 1998, 2012).

Objetivo problematizar essas assertivas sobre o modo de organização da produção relacionado à cadeia produtiva de aves e suas implicações para o modo de organização da vida e do trabalho no campo, discutindo as premissas dos modos de viver dos sujeitos, principalmente os pequenos proprietários, que tem em sua trajetória de trabalho relacionado à produção familiar ou a “agricultura familiar”, considerando as pressões capitalistas com a integração da produção de aves aos frigoríficos – fábricas de processamento de mercadorias diversas a partir da carne do frango.



A investigação perpassa essas obras com o objetivo de construir um referencial teórico-metodológico capaz de interpretar a realidade sem anacronismos históricos e conceituais (THOMPSON, 1998; WILLIAMS, 1990).

Assim, problematizo o processo de concentração de capital, a procura de ambientes e localidades para a exploração dos trabalhadores, diante da precariedade de formas de organização sindical e partidária. Problematizo ainda o argumento disseminado no senso comum em que afirma o estabelecimento de indústrias, em formas de cooperativas, apenas para “agregar valor” aos diversos produtos oriundos da produção agropecuária, de uma determinada cadeia produtiva, ao que me parece que o processo histórico e social é muito mais complexo (ALMEIDA; CALVO; CARDOSO, 2005; BOSI; VARUSSA, 2006, 2008; KHOURY, 2009; MOREIRA, 2012; VARUSSA, 2009, 2012).

A pesquisa também procura colocar em perspectiva histórica o presente vivido pelos trabalhadores pegadores de frango e batedores de caixa, pejorativo e comumente conhecido na região como “graxains”, tendo como objeto as experiências sociais e as relações de trabalho no processo histórico de produção e agroindustrialização de aves, na região Oeste do Estado do Paraná.

A atividade desses trabalhadores está intimamente relacionada com a avicultura e a industrialização do frango produzido nos aviários, que são deslocados para a indústria frigorífica. Lucinéia Fagnani (2010, p. 31), afirma que:

Durante o período de crescimento do frango nos aviários, os veterinários da empresa acompanham o crescimento, mortalidade, fazem orientação técnica e prescrição de medicamento e informam sobre peso das aves ao frigorífico. A ordem para recolha para o abate parte de Matelândia, que o determina de acordo com sua produtividade e dependendo da disponibilidade de mão de obra e funcionamento das máquinas. A “recolha de frangos” é divulgada pela emissora de rádio em um programa para o qual a empresa comprou o espaço, transmitido nas cidades onde tem atividades da Lar. As pessoas que trabalham na “recolha” normalmente residem nas comunidades onde o integrado tem o aviário. Estes trabalhadores, não têm um trabalho fixo, se sustentam, na maioria, de ocupações temporárias e têm suas remunerações estabelecidas por aviário recolhido, costumam migrar de um distrito e/ou linha a outro (a) para trabalhar (Algumas pessoas costumam os chamar de graxains devido a atividade de recolha de galinhas). São contratados pelo integrado para recolher os frangos dos aviários e armazenar nos caminhões da empresa, que saem das propriedades diretamente para o município de Matelândia para o abate.



O trabalho dos pegadores de frango e batedores de caixa vinculados à cadeia produtiva de aves é uma atividade fundamental para o processo de agroindustrialização de aves e na manutenção da cadeia produtiva do frango – sem essa atividade os frigoríficos de aves teriam sua produção parada por falta de abastecimento da matéria-prima, uma vez que a mão de obra familiar do avicultor é insuficiente para a atividade. Porém, até o presente momento, não há uma pesquisa densa sobre as experiências sociais e as relações de trabalho vivenciadas por esses trabalhadores.

Irma Storti (2010), ao tratar da “pega do frango” junto aos avicultores integrados a Copagril, de Marechal Cândido Rondon, no Oeste do Paraná, enfatiza traços de solidariedade e amizade entre avicultores no trabalho de deslocamento das aves para o caminhão que transporta para o frigorífico. De acordo com a tabulação de sua pesquisa quantitativa, 58% dos avicultores pesquisados recorrem à solidariedade de vizinhos para a recolha das aves:

Existe uma equipe que realiza esta “pega do frango”, contratada pela COPAGRIL. A equipe é paga pelos camponeses, geralmente no valor de R\$ 500,00 por lote de frangos. Entretanto, o trabalho da equipe não é suficiente, considerando que cada aviário possui até 23 mil frangos. O pagamento não é feito em produtos, é feito com a troca de dias de serviço entre os avicultores. (STORTI, 2010, p. 82-83).

Os diversos frigoríficos de aves da região Oeste do Paraná usam da mão de obra desses trabalhadores, geralmente, por meio de empresas terceirizadas, cujo custo é assumido pelos avicultores, hoje em torno de R\$ 700,00. Em Marechal Cândido Rondon estima-se que há, pelo menos, uma empresa terceirizada que presta serviço aos avicultores integrados ao frigorífico da Copagril, com no mínimo cinco equipes de até doze trabalhadores, sendo que oito são pegadores de frango e quatro batedores de caixa, exercendo suas atividades basicamente à noite, recolhendo e transportando as aves prontas para o abate. O salário de um trabalhador pegador de frango gira em torno de R\$ 850,00, recebendo R\$ 36,00 por aviário. Já os batedores de caixa recebem em torno de R\$1.200,00, recebendo R\$ 40,00 por aviário. Os relatos colhidos junto a esses trabalhadores informam que não é raro trabalharem na pega do frango em mais de um aviário por dia chegando, às



vezes, a trabalharem mais de 24 horas seguidas. Os trabalhadores atuam não apenas na área rural da cidade, se deslocando para outros municípios da região Oeste do Paraná.

A partir desses referenciais deslocamos nossas preocupações investigativas do reducionismo estrutural, para problematizarmos as experiências sociais a partir de um campo de relações sociais vividas, em que a vida material fixa limites e exerce pressões sobre o processo histórico peculiar, perscrutando modos de viver, lutar, trabalhar.

Referências:

ALMEIDA, P. R.; CALVO, C. R.; CARDOSO, H. H. P. Trabalho e movimentos sociais: histórias, memórias e produção historiográficas. In: CARDOSO, H. H. P.; MACHADO, M. C. T. (orgs.). **Histórias**: narrativas plurais, múltiplas linguagens. Uberlândia: EDUFU, 2005.

AVICULTURA INDUSTRIAL. BRF faz nova investida em Abu Dhabi. Sexta-feira, 05 de Outubro de 2012. Disponível em:

<http://www.aviculturaindustrial.com.br/noticia/brf-faz-nova-investida-em-abu-dhabi/20121005081951_C_585> Acesso em: 5/10/2012a.

_____. Cooperativas adotam estratégia para reduzir a produção de frango no PR. Disponível em: <http://www.aviculturaindustrial.com.br/noticia/cooperativas-adotam-estrategia-para-reduzir-a-producao-de-frango-no-pr/20121023120736_K_751> Acesso em: 23/10/2012b.

BEN, M. **Os “nós” da territorialização da Cooperativa Agroindustrial Lar no Oeste paranaense**. 2011. 125 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2011.

BOSI, A. P. Um ensaio sobre industrialização, desenvolvimento econômico e trabalho degradado no Oeste do Paraná. In: _____. **Precarização e intensificação do trabalho no Brasil recente**: ensaios sobre o mundo dos trabalhadores (1980-2000). Cascavel: Edunioeste, 2011.

_____; VARUSSA, R. J. Trabalhadores e trabalho no Oeste do Paraná: trajetórias de pesquisa. In: BOSI, A. at al. **História, poder e práticas sociais**. Marechal Cândido Rondon, PR: Edunioeste, 2006.

_____. Trabalho e movimentos sociais: refletindo sobre o compromisso social do historiador. **Tempos Históricos**, Marechal Cândido Rondon, v. 12, p. 183-191, 2008.

DALA COSTA, A. J. **Agroindústria brasileira contemporânea**: inovações organizacionais e transformações tecnológicas na avicultura. 1997. 352 f. Tese



(Doutorado – Autos Estudos em América Latina) – IHEAL, Université De La Sorbonne Nouvelle, Paris III. 1997.

FAGNANI, L. **Experiências dos Trabalhadores da Unidade de Produção de Pintainhos da Cooperativa Agroindustrial Lar, Vila Celeste – Santa Helena/Paraná.** 2010. 128f. Monografia (TCC em História), Colegiado do Curso de História, UNIOESTE. 2010.

FAVARIM, E. A. **O papel do cooperado no processo de construção da Copagril.** 2010. 118 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo. 2010.

FERNANDES, B. M.; MEDEIROS, L. S.; PAULILO, M. I. (orgs.) **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas.** v. I: o campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1989. São Paulo: UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

GOMES, L. Frango do Paraná dá nova “revoada”. **Gazeta do Povo**, Expedição Avicultura. Agronegócio. 24/07/2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/conteudo.phtml?id=1278170&tit=Frango-do-Parana-da-nova-revoada>> Acesso em: 25/07/2012.

HECK, F. M. **Degradação anunciada do trabalho formal na Sadia, em Toledo (PR).** 2013. 209 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2013.

HOBSBAWM, E. J.; RUDÉ, G. **Capitão Swing: a expansão capitalista e as revoltas rurais na Inglaterra do início do século XIX.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

HEREDIA, B.; LEITE, S. P.; PALMEIRA, M. Sociedade e economia do “agronegócio” no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 74, p. 159-196, out. 2010.

HIRATA, F. Avicultores paranaenses reclamam de preços recebidos. **Gazeta do Paraná**, 3/05/2010. Disponível em: <<http://www.avisite.com.br/clipping/default.asp?CodNoticia=14752&Pag=1>> Acesso em: 15/10/2011.

JESUS JUNIOR, C. et al. A cadeia da carne de frango: tensões, desafios e oportunidades. In: BNDES Setorial. **Agroindústria.** Rio de Janeiro, n. 26, p. 191-232, set. 2007. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set2607.pdf> Acesso em: 24/08/2011.

KENNER, Robert. **Food, Inc.** New York, 2009. DVD, 94 min.



KHOURY, Y. A. Do mundo do trabalho ao mundo dos trabalhadores. In: PORTELLI, A at al; VARRUSSA, J. R (org.). **Mundo dos trabalhadores, lutas e projetos: temas e perspectivas de investigação na historiografia contemporânea.** Cascavel, PR: Edunioeste, 2009.

MARTINS, J. S. **Os camponeses e a política no Brasil:** as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **O cativo da terra.** 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

MENDONÇA, S. R. Estado e hegemonia do agronegócio no Brasil. **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 32-33, p. 91-132, jan. jul./ago.dez. 2005.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Brasil do agronegócio 2011/2012 a 2021/2022. Brasília, Abril de 2012. Disponível em: < [http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/Ministerio/gestao/projecao/Projecoes%20do%20Agronegocio%20Brasil%202011-20012%20a%202021-2022\(2\).pdf](http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/Ministerio/gestao/projecao/Projecoes%20do%20Agronegocio%20Brasil%202011-20012%20a%202021-2022(2).pdf) > Acesso em: 20/06/2012.

MOREIRA, V. J. **O levante comunista de 1949:** memórias e histórias da luta pela terra e da criminalização dos movimentos sociais de trabalhadores no Noroeste paulista. Cascavel, PR: Edunioeste, 2012.

_____. **Trabalhadores na luta pela terra.** Campo e cidade: valores, memórias e experiências de trabalhadores rurais sem-terra. Sumaré – 1980-1997. 1998. 156 fls. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

_____. **Trabalho, trabalhadores e movimentos sociais no Oeste do Paraná.** Proposta de Atuação e Projeto de Pesquisa. Programa de Pós-Graduação em História da UNIOESTE, *Campus Marechal Cândido Rondon*, 2011.

MOTTA, M.; ZARTH, P. (Orgs.). **Formas de resistência camponesa:** visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história. v. II. Concepções de justiça e resistência nas repúblicas do passado (1930-1960). São Paulo: UNESP; Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, NEAD, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Produção da Pecuária Municipal 2007.** Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, J. V. T dos. **Colonos do vinho:** estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: Hucitec, 1978.

SILVA, R. N. B. **Trabalho integrado e reprodução do capital:** um estudo de caso no Sudoeste do Paraná. 2011. 414 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói.



SEPULCRI, O. **Estratégias e trajetórias institucionais da empresa de assistência técnica e extensão rural do Paraná (EMATER – PR)**. 2005. 161 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Desenvolvimento Econômico) – Centro de Pesquisas Econômicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SORJ, B; POMPERMAYER, M. J.; CORADINI, O. L. **Camponeses e agroindústria: transformação social e representação na avicultura brasileira**. Rio de Janeiro: Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: <<http://www.bvce.org.br/LivrosBrasileirosDetalhes.asp?IdRegistro=37>> Acesso em: 14/04/2010.

STORTI, I. **As Estratégias de existência camponesa entre os agricultores vinculados à Copagril**. 2010 111 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Francisco Beltrão.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. II: A maldição de Adão. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOEBE ZEN, R. **O processo de trabalho dos avicultores parceiros da Sadia S.A.: controles, mediações e autonomia**. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

TSUNECHIRO, A.; COELHO, P. J. Valor da produção agropecuária do Brasil em 2007, por unidade da federação. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 68-84, jan. 2009. Disponível em: <<ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/IE/2009/tec7-0109.pdf>> Acesso em: 20/03/2009.

VARUSSA, R. J. . Disputas na Justiça do Trabalho: memórias e histórias a partir do Oeste do Paraná (década de 1980 a 2000). **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 13, n. 2, p. 441-460, 2009.

_____. Sindicalismo e trabalhadores em cooperativas no Oeste do Paraná (décadas de 1990 e 2000). **Revista Mundos do Trabalho**, vol. 4, n. 7, p. 163-177, jan./jun. 2012.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WOLF, E. R. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.



WELCH, C. A. et al. (Orgs.). **Camponeses brasileiros: leituras e interpretações.** São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

ZANUTO, M. Produtores sofrem com a crise na avicultura. **Revista Paraná Rural**, 9/10/2012. Disponível em: <<http://revistaparanarural.com.br/diversos/206-aves.html>> Acesso em: 15/10/2012.